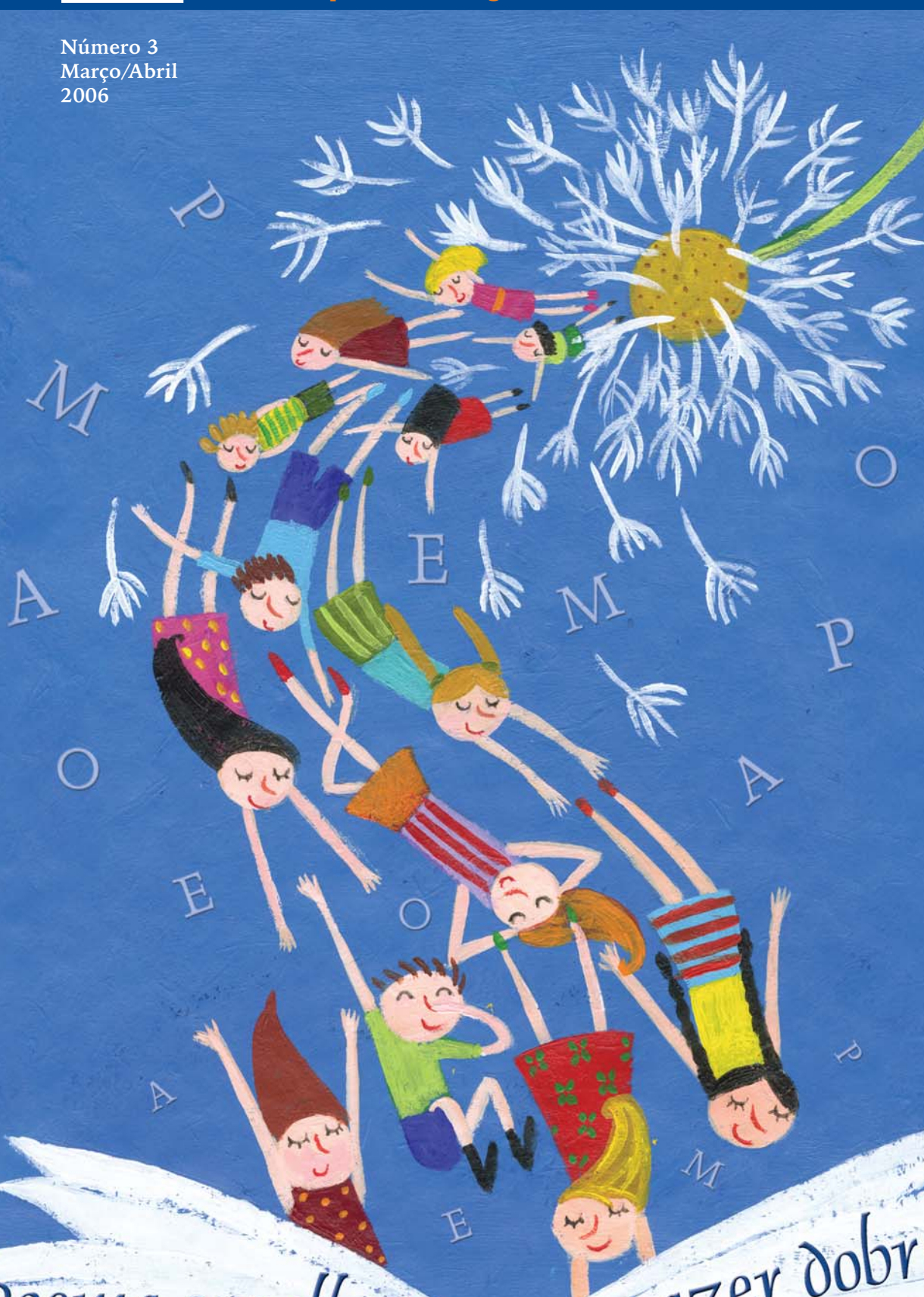




Na ponta do lápis

Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro

Número 3
Março/Abril
2006



Poema espalhado

Prazer dobrado

SUMÁRIO



ENTREVISTA
Marisa Lajolo
2

RECADO DO LEITOR
4

QUESTÃO DE GÊNERO
“Ofício de poeta”
5



PÁGINA LITERÁRIA
“O poeta como deseducador”,
texto de Ferreira Gullar
6



ESPECIAL
“Atendimento personalizado”
8

ONDE ESTÁ O FUTURO
“Crianças contam e cantam o Brasil
em verso”
10

DE OLHO NA PRÁTICA
12



REPORTAGEM
“Poesia esparramada”
14

TIRANDO DE LETRA
16

O QUE VEM POR AÍ
18

TEXTO VENCEDOR
“Minha terra, minha gente”
19

COISAS DE ALMANAQUE
20

HISTÓRIA DE ALMANAQUE
“Como se inventaram os almanaques”
21



Iniciativa

Fundação Itaú Social

Realização

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

Coordenação

Sônia Madi

Equipe de Edição

Luiz Henrique Gurgel (edição de texto e consultoria)
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Leitura Crítica

Anna Helena Altenfelder
Maria Estela Bergamin
Marta Wolak Grosbaum

Revisão

Sandra Miguel

Edição de Arte

Eva Paraguassú de Arruda Câmara
José Ramos Néto
Camilo de Arruda Câmara Ramos

Ilustrações

Suppa
Criss de Paulo

Equipe de Apoio

Edileuza Alves Santana, Elisângela Alencar de
Almeida, Ivani Alencar, Maria Antonieta Rizzotti
Oliveira, Marina Brant de Carvalho Martins, Tathiane
Fernandes Tudda.

Fotos

Páginas 10/11: Antonio José dos Santos(AM/PA),
Glauro Spíndola (BA/RN), Almir Salgado (SC/RS),
Didier Pinheiro(MS/GO), Christina Rufato (ES/MG).

Fontes Consultadas

Poetas da escola – Ana Helena Altenfelder – 2004
Literatura: Leitores&Leitura – Marisa Lajolo –
Editora Moderna – 2001
A poesia pede passagem – Elias José – Editora Paulus
Vaqueiros e cantadores – Luís da Câmara Cascudo –
Editora Globo – 1939
Os cem melhores poemas brasileiros do século –
Ítalo Moriconi – Editora Objetiva – 2000
<http://www.bibivirt.futuro.usp.br/especiais/cordell>
<http://www.museudofolclore.com.br>

Agradecimentos

Alice Ruiz
Ângela Leite de Sousa
Elias José
José Francisco Borges
José Paulo Paes (*in memoriam*)
Mônica Feth
Otávio Roth

Contato com a redação

Rua Dante Carraro, 68
05422-060 – São Paulo – SP
Telefone: 0800-7719310
E-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br



Editorial

À procura da poesia e da qualidade

Na primeira edição de **Na Ponta do Lápis**, publicamos trecho de um dos mais belos poemas de Carlos Drummond de Andrade sobre o fazer poético. O autor sugere: “Penetra surdamente no reino das palavras. Lá estão os poemas que esperam ser escritos. Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata”. A recomendação do poeta bem que pode ter inspirado mais de 3 mil professores do Brasil a motivar seus alunos na criação de poesias. Nesta edição trazemos uma mostra do que produziram as crianças. Trazemos também um texto inédito de outro dos maiores poetas brasileiros, escrito especialmente para nosso almanaque. Trata-se de Ferreira Gullar falando do ofício do poeta. Segundo Gullar, o poeta está próximo da criança que “vê o mundo com olhos virgens e que, por quase nada saber, está aberta ao mistério das coisas”.

Também conversamos com a professora Marisa Lajolo, que fala da melhor forma de o professor aproximar seus alunos da poesia.

E aproveitamos para dizer que, depois de três edições, ficou a certeza de termos atingido o objetivo de abrir um canal de comunicação privilegiado com os professores, levando informações relevantes e experiências que podem ser multiplicadas. Nossa publicação transformou-se em espaço para que educadores relatem suas ações e expectativas de forma divertida e ao mesmo tempo consistente. E tudo isso teria sido inútil se não fosse a certeza do diálogo. Não foi à toa que recebemos cerca de 4 mil mensagens, entre cartas-resposta, cartas comuns, e-mails e telefonemas com sugestões, comentários, solicitações e relatos de como professores utilizaram **Na Ponta do Lápis** em sala de aula. Até crianças escreveram contando situações em que se divertiram e o que aprenderam com a leitura da revista feita pelo professor.

São por notícias como essas que a equipe do *Programa Escrevendo o Futuro*, seus idealizadores e realizadores – a Fundação Itaú Social e o Cenpec – já estão com as baterias ligadas e preparados para o próximo ano, quando teremos o *Prêmio Escrevendo o Futuro 2006*. Sabemos que iremos ampliar a parceria com professores e gestores de todo o Brasil para continuar aprimorando a qualidade do nosso ensino público.

A todos uma boa leitura e um bom trabalho!

Mensagem do Cenpec

Em 2005, o Cenpec completa 18 anos. Desde o começo voltado para a ação na educação básica pública, tem trabalhado na escola, pensando currículos, produzindo materiais voltados à aceleração da aprendizagem, intensificando programas de formação de professores e gestores em educação. Educação não pode estar dissociada das políticas sociais relacionadas à cultura, à assistência social e ao desenvolvimento local sustentável.

Foi comungando com esses princípios que a Fundação Itaú Social trouxe a idéia do *Escrevendo o Futuro*. Um projeto que vai muito além do prêmio. Dentro de suas características, é um autêntico programa de formação em que todas essas questões estão envolvidas e articuladas. O que nos motiva ainda mais é saber que ele continua crescendo, ampliando a cada edição o número de professores e alunos participantes, atuando junto com as comunidades na busca da qualidade.

Em 2006 nossa ação continua. Queremos atingir metas que garantam melhores condições de aprendizagem e solidifiquem novos padrões de qualidade no ensino público brasileiro.

Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenadora-geral do Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Mensagem do Canal Futura

Foi na escola que descobri – eu e grande parte da humanidade – a poesia.

No meu tempo as garotas mantinham cadernos onde as amigas escreviam poesias, de própria autoria ou que achavam em revistas. Até porque ali o que mais importava não era o verso e sim a amizade a que o poema era dedicado.

No entanto, nada foi mais decisivo na minha formação do que a poesia em particular e a literatura em geral. Poderia ter sido **na** escola mas foi principalmente **através** da escola, de uma querida amiga de colégio, que enveredei pelo mundo das leituras para nunca mais ser a mesma.

Quem é professor e participa do prêmio *Escrevendo o Futuro* (como nós que fazemos o Futura) está em posição privilegiada para libertar e expandir a poesia da grade curricular para convertê-la em insumo de transformação. Porque a escola é um imenso território afetivo onde não só cumprimos a trajetória da aprendizagem e da escolaridade mas onde podemos selar destinos.

O gosto pela leitura (das poesias e das prosas) se instala menos por razões explicadas na pedagogia e mais por aquilo que é intangível, por aquilo que nos toca, por “sua capacidade encantatória”, como a descreve o poeta Ferreira Gullar. Se, no mundo de hoje, a beleza (de parâmetros tão discutíveis) é fundamental para tantos, para nós que fazemos educação, não há o que discutir: poesia é essencial. Porque é matéria prima de nossa própria humanidade.

Lúcia Araújo

Gerente geral do Canal Futura

Lição para professor: contar aos alunos como conheceu a poesia

Marisa Lajolo é professora titular no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Costuma apresentar-se como alguém que, depois de inúmeras pesquisas, teses, artigos e livros escritos sobre livros dos outros, resolveu escrever e publicar seu romance: “Gostei tanto da experiência que a vontade é deixar os livros alheios em paz e fazer os meus próprios”. Das conversas com a equipe do Na Ponta do Lápis e de questões enviadas a ela por e-mail, resultou esta entrevista na qual Marisa fala da importância do trabalho com poesia para crianças e da publicação dessas obras infantis. Destaca o papel do professor para os pequenos leitores: “Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros. Provavelmente o professor será – e precisa mesmo ser – essa pessoa a iniciar as crianças no maravilhoso mundo da leitura. E tratando de poesia, o melhor é o professor poder começar pelo resgate de sua história de leitor/ouvinte de poesia”.

2



Edi Pereira

Marisa Lajolo

Qual sua opinião sobre o fascículo “Poetas da Escola” do Kit Itaú de Criação de Texto?

O fascículo “Poetas da Escola” é importante por várias razões. Mas duas são – de meu ponto de vista – as mais importantes. A primeira delas é que ele materializa o resultado do trabalho do professor. A outra é que ele documenta textos infantis, constituindo assim um material muito útil para professores e pesquisadores. E é importante “materializar” o trabalho do professor. Acho que no trabalho escolar com a leitura e com a escrita, fica sempre no horizonte a questão das materialidades dessas práticas. Um livro – e um fascículo é um livro, apenas um pouco mais magrinho – é uma das formas assumidas por essa materialidade, talvez a mais valorizada socialmente. Daí a importância de um projeto que culmina com a produção de um livro. Meio que eleva a auto-estima de todos os envolvidos.

Que importância você vê na publicação de textos infantis?

Creio que textos produzidos por crianças são uma porta de acesso para as hipóteses que ela – a criança – constrói sobre o funcionamento da linguagem. No caso de poesia, os textos que foram produzidos no bojo do projeto são preciosos pelo que mostram das hipóteses que as crianças constroem sobre o que é e como se faz poesia. Tanto professores quanto pesquisadores podem aprender muito com esse material. Os poemas dos finalistas e semifinalistas do *Escrevendo o Futuro* em 2004 mostram que as crianças têm uma noção clara da especificidade da poesia. Tentam, por exemplo, garantir a sonoridade do texto através de rimas e de repetições de palavras e se inspiram nos temas tradicionais da poesia.

Os textos que foram produzidos são preciosos pelo que mostram das hipóteses que as crianças constroem sobre o que é e como se faz poesia.

Como o professor pode começar o trabalho com poesia?

Acho que o trabalho com poesia pode ser muito divertido e agradável. Desde, é claro, que o professor goste de poesia. Acho que o professor pode começar – antes de iniciar o projeto de trabalhar poesia na sala de aula – pelo resgate de sua história de leitor/ouvinte de poesia. Qual foi o primeiro poema do qual se recorda?

No seu caso, qual foi esse poema?

Foi um poema que constava do livro de leitura do quarto ano, e nunca me esqueci dele. É assim: *Bárbara be-la/ Do Norte estrela/ Que meu destino/ Sabes guiar/ De ti ausente,/ Triste, somente/ As horas passo/ a suspirar/ (...).*

Eu não entendia bem todas as palavras, mas o ritmo – hoje sei que se chama assim – me envolvia. Acabei decorando o poema e só mais tarde, quando tinha um repertório maior de textos, e com a ajuda de uma professora – Dona Margarida –, consegui lidar bem com as inversões “do Norte estrela” ou “de ti ausente”. Hoje sei que o poema é de Alvarenga Peixoto, um dos poetas da Conjuração Mineira, que o dedicou à mulher, Bárbara Heliodora, uma das primeiras poetisas brasileiras.

Mas esse poema ainda hoje é adequado para as crianças lerem?

Pode ser adequado ou inadequado. Depende do professor. Acho que ele “funcionou” comigo talvez exatamente pelo que eu não compreendia dele. Analisando hoje a situação, creio que me fascinou um texto de alta musicalidade e de baixa comunicabilidade. Até hoje aposto num certo mistério que torna alguns poemas irresistíveis. Como se a poesia fosse uma linguagem meio cifrada.

Acho que o trabalho com poesia pode ser muito divertido e agradável. Desde, é claro, que o professor goste de poesia.

Mas você falava das lembranças do professor...

Pois é. Creio que se o professor pensar no que funcionou e no que não funcionou com ele, vai conseguir fazer um trabalho interessante. Desde, como já disse, que goste de poesia, e queira iniciar seus alunos na leitura e na produção de poemas. Será que os alunos não vão gostar de saber qual foi o primeiro poema que a professora leu na vida? E saber por que

ela gostou de tal poema? Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros. Provavelmente o professor será – e precisa mesmo ser – essa pessoa a iniciar as crianças no maravilhoso mundo da leitura.

O professor pode começar – antes de iniciar o projeto de trabalhar poesia na sala de aula – pelo resgate de sua história de leitor/ouvinte de poesia.

Um trabalho como esse forma poetas?

Para mim, a escrita de poemas na escola não tem a finalidade de formar poetas, embora, é claro, possa perfeitamente também despertar em alguns alunos a vontade de escrever poemas. Tem a finalidade de familiarizar os alunos com um tipo de escrita, e torná-los mais sensíveis para a leitura de poemas. De bons, de ótimos poemas.

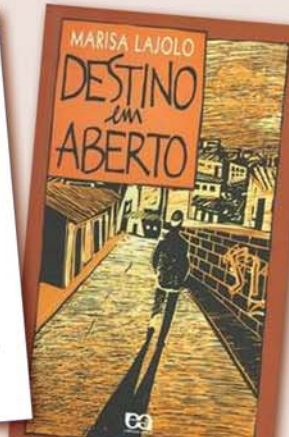
Poesia é um texto para se ouvir ou para se ler?

A poesia nasceu oral. Nasceu em situações coletivas, com alguém usando uma linguagem cheia de ritmo – e muitas vezes acompanhada de música. O registro escrito da poesia é bem posterior. Acredito que a escola pode reproduzir este caminho da oralidade para a escrita, da audição para a leitura.

Que indicações você daria para o desenvolvimento do trabalho na sala de aula?

Acho que a maior sugestão é que o professor leia muitos poemas *com* e *para* a classe. Leia bem os poemas e leia de forma variada. Reforçando a sonoridade, variando o que quer sublinhar do poema. Outra idéia é o professor incentivar os alunos a montar um álbum de seus poemas preferidos. Isto dará uma razão para os alunos irem buscar poemas para ler, discutir as preferências de cada um. Ou seja, creio que vale a pena tentar simular na classe os percursos que a literatura percorre fora da escola. 

www.secrel.com.br/jpoesia/mlajolo.html
www.unicamp.br/iel/memoria



RECADO DO LEITOR



“O que não escrevi calou-me.
O que não fiz partiu-me”

Affonso Romano de Sant’Anna

Alunos reclamam da Carta Social

Estamos trabalhando com o Projeto “Cartas trocadas, literatura partilhada” e enviamos aos nossos colegas cartas, convidando-os a participar do projeto. Ao todo foram 37 cartas, que não chegaram ao seu destino.

Ficamos chocados com o que aconteceu, pois estávamos ansiosos com a chegada das mesmas. Foi uma decepção para todos.

Entramos em contato com a ECT e o retorno foi que este tipo de carta não tem garantia de chegada. Se não há garantias, pensamos: Qual o motivo de sua existência?

Alunos do 2º ciclo da E.M. Francisco de Sales Barbosa – Betim (MG)

Resposta

A CARTA SOCIAL não chega ao destinatário se não atende às características específicas desta correspondência, divulgadas no primeiro número do Na Ponta do Lápis... Quando isso ocorre, ela é devolvida ao remetente com um anexo explicando por que a mesma não está de acordo para esse serviço.

Encaminharemos um funcionário do Correio, da cidade de Betim, à E.M. Francisco de Sales Barbosa, para conversar com os alunos e esclarecer as possíveis dúvidas.

Osmar Piedade, da Agência de Correios Franqueadas (ACF) Jardim Paulistano (SP)

Elo entre gerações

O tema “memórias” veio em um bom momento, pois estou trabalhando a questão da migração e, através da seção, surgiu a ideia de solicitar às crianças uma entrevista com os familiares sobre sua origem, possibilitando desta forma o resgate da história da família, estabelecendo assim um elo maior entre as gerações.

Tânia Medrado de Souza,
Taboão da Serra (SP)

Relembrando antigos professores

Fiquei encantada com a história “Uma definitiva presença” e viajei no tempo relembrando meus antigos professores, analisando o que cada um deixou em mim. Alguns, saudades, afeto; outros, receio. Mas disso tudo posso aproveitar os exemplos, pois hoje sou eu que estou fazendo a minha história com a dos meus alunos. Que lembranças deixarei?

Emília Elizabet de Carvalho Rocha,
São José dos Pinhais (PR)

Carta Enigmática



- R
+ T



- cô



- a
+ i

t + m

7 - te
+ u

senhor
em inglês

+ io

e

a



- co



- Á
+ e



- p

o

senhor
em inglês

+ io

Q



- r
+ t



- cô



- a
+ i

t + m



RESPOSTA NA PÁGINA 21

Carta do Escritor

Recebi o almanaque Na Ponta do Lápis. Ele é bonito e tem uma linguagem coloquial, capaz de criar uma relação afetuosa com os leitores. Seu conteúdo é substancial e necessário, sem se distanciar dos leitores. É uma publicação que vai fazer os professores mais amarem seu trabalho. Muito obrigado pelo carinho com meu texto. Fiquei feliz em estar com vocês.

Bartolomeu Campos Queirós,
Belo Horizonte (MG)

Novo ânimo

O Na Ponta do Lápis serviu como uma injeção de ânimo, estimulou a escrita da minha classe, porque os textos são produzidos por crianças da mesma faixa etária. Meus alunos ficaram encantados com a Página Literária e imediatamente pediram-me para escrever sobre o relacionamento que eles tiveram com outros professores. Foi ótimo!

José Carlos do Nascimento
Santos, Salgado (SE)

Referencial teórico

Além da entrevista, destaco a Página Literária, uma verdadeira poesia, uma lição de como a postura do professor é importante para o “despertar” do prazer da leitura. Maravilhoso também o texto da Profª Conceição Cabriani, bem como o relato das crianças e professoras. O almanaque tem unidade e coerência, o que mostra o referencial teórico de quem o elaborou.

Beatriz de Castro da Cruz,
Curitiba (PR)

Boas e novas idéias

Na E. M. Prof. Guitil Federmann, estamos desenvolvendo um projeto de resgate cultural, descendências e saberes dos avós dos nossos alunos, chamado “Novos tempos, eternos saberes”. Continuem com essas propostas de atividades tão criativas e práticas. Adorei o almanaque inteirinho!

Marie Desirré Ribeiro,
Ponta Grossa (PR)

Seguindo o exemplo

No segundo número do Na Ponta do Lápis, gostei muito da Página Literária. Fiquei emocionada, pensativa... Até desejando exercer a mesma influência em algum aluno meu, assim como a professora personagem do texto exerceu sobre o escritor.

Julietta de Souza,
Divinópolis (MG)



ESCREVA PARA NÓS
Rua Dante Carraro, 68
05422-060 – SÃO PAULO – SP

QUESTÃO DE GÊNERO

Ofício de poeta

Anna Helena Altenfelder*

*Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor.*

Alberto Caeiro

O ofício do poeta é mostrar ao leitor um olhar próprio, inovador, uma visão diferente das coisas, que surpreende, inspira e desperta emoções naqueles que lêem seus versos. O poeta escreve para brincar, emocionar, divertir, convencer, fazer pensar o mundo de um jeito novo.

Para conseguir encantar seus leitores, transmitir suas idéias, experiências e emoções de forma original, o poeta usa a linguagem de maneira diferente da que usamos habitualmente. Para conseguir fazer isso, utiliza-se de recursos poéticos. Ao compor um poema, pode, por exemplo, explorar a musicalidade das palavras, criar imagens com elas, brincar com os sons, ou dispor as palavras no papel de forma inusitada.

Algumas vezes os poetas jogam com a sonoridade das palavras, buscando sons similares, rimando as palavras no final dos versos, ou repetindo sons parecidos ou iguais em várias palavras, fazendo com que elas ecoem ao longo do poema. O interessante é que brinca com os sons sem deixar de transmitir ao leitor uma idéia, sentimento ou sensação.

Os poetas preocupam-se também com o ritmo, ou seja, com que o poema tenha uma cadência como um tambor batendo em intervalos regulares, o que faz com que o leitor perceba o texto poético pelo ouvido. É por isso que tão gostoso quanto ler poemas é ouvi-los sendo declamados.

Além de ser percebido pelo ouvido, um poema pode ser identificado pelo olhar, pelo modo como o texto é disposto na folha de papel. Alguns poetas dispõem os versos nas páginas de forma tão especial que criam uma imagem concreta, dando ao leitor a idéia do que vai ler, antes mesmo de ler as palavras.

Mas poesia não é só aquilo que rima, tem sílabas contadas, musicalidade, ou um esquema definido de composição. Não é só a forma que importa, mas principalmente a maneira de ver as coisas, como nos revela Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) no poema que usamos na epígrafe. Um modo diferente do comum, como se o mundo fosse visto pela primeira vez.

O poeta, para exprimir seu olhar próprio e original, muitas vezes usa comparações. Pode ir além e transmitir a impressão que algo lhe causou, criando imagens. Quando faz isso, usa o recurso da metáfora, dando às palavras um sentido mais rico, como se elas quisessem dizer alguma coisa a mais.

Concluindo, não é fácil o ofício de poeta, é preciso muito trabalho. Para comporem seus poemas, os poetas, mesmo aqueles já consagrados, ficam muito tempo arrumando, organizando, mexendo com as palavras, experimentando vários jeitos de deixar o lugar-comum, romper clichês e encantar o leitor com sua maneira própria de ver o mundo.

*Mestre em Educação,
autora do fascículo Poetas da
Escola do Kit Itaú de Textos.



poesia poeta poema poesia poeta poema poesia poeta poema

Cada palavra tem sua história...

Poesia, *poiesis* em grego, significa criação, fabricação, confecção.

Poeta, do grego *poietés*, significa autor. Era o indivíduo que compunha letra de dramas das epopéias e dos outros cantos sentimentais.

Poema em latim significa composição em verso; companhia de atores, comédia, peça teatral, e do grego *poiema* "o que se faz, obra, manual; criação do espírito, invenção".

Na Grécia Antiga, os poemas eram sempre declamados em público. Os próprios versos eram musicais, com ritmos diferentes em cada tipo de poema e apropriados para cada ocasião, intimamente ligados à dor ou à alegria do poeta.

amsoqstsoqbi2soqsmsoqstsoqbi2soqsmsoqstsoqbi2soq

O poeta como deseducador

Ferreira Gullar

É mais fácil o poeta se perguntar para que serve a poesia do que o leitor. O poeta às vezes se pergunta por que tem que entregar-se a ela e aí é natural indagar se vale a pena uma tal opção de vida. Mas se ele é mesmo poeta, a tal indagação é retórica, porque ele já sabe de antemão a resposta: pergunta para reafirmar-lhe a necessidade. De fato, para o poeta, a poesia é a maneira que tem de inventar-se como ser humano.

A verdade é que todos nós somos uma invenção de nós mesmos. Ninguém nasce pronto, nem com um destino predeterminado. É verdade que aquele que se tornar poeta ou pintor ou jogador de futebol já traz consigo, ao nascer, as qualidades que lhe possibilitarão tornar-se uma coisa ou outra. Mas é preciso que ele descubra isso e decida dedicar a vida a um tal destino. Portanto, quando o menino – ou a menina – se descobre poeta, terá que entregar-se à poesia, terá que ler os poetas, mergulhar em seu mundo imaginário e, assim, enriquecer o seu conhecimento da poesia. É a partir da leitura dos outros poetas – dos bons poetas e especialmente dos grandes poetas – que ele vai inventar a sua própria poesia, porque ninguém parte de zero.

O mesmo acontece com as outras pessoas: para que se inventem, necessitam assimilar o que já foi inventado e, então, transformá-lo. Todos nós, ao nascermos, já encontramos a sociedade criada pelas gerações anteriores, com seus valores e normas – um mundo mais cultural que natural, que é o *habitat* humano. Somos mais seres culturais que naturais. E é dentro deste universo cultural que vamos nos inventar como indivíduos e entes sociais. Por isso mesmo, deve-se concluir que é nos demais integrantes da sociedade que encontramos o sentido de nossa existência. O homem é um ser para o outro. Tanto mais um poeta que, se escreve antes de mais nada para expressar-

se, sabe que o ato de escrever só se completa na leitura, quando o outro lê o que ele escreveu.

Esse leitor tanto pode ser um adulto como uma criança, e o resultado da leitura, feita por um ou por outro, depende de muitos fatores. Mas, no fundamental, é a capacidade encantatória da poesia que conta, uma vez que o poeta visa sobretudo tornar mais rica a vida, mais presente o mistério e o encanto da existência. Neste sentido, poder-se-ia dizer que o poeta é um deseducador, se se entende que educar é transferir para o aluno o conhecimento já assimilado pela sociedade. O poeta, ao contrário do educador, questiona o estabelecido, põe à mostra o inusitado, o novo, e assim reinventa o real.

Nisto, contraditoriamente, o poeta se aproxima da criança, que vê o mundo com olhos virgens e que, por quase nada saber, está aberta ao mistério das coisas. Para a criança – como para o poeta –, viver é uma incessante descoberta da vida. Esta identificação entre o poeta e a criança constitui um paradoxo da existência, que se alimenta tanto do conhecimento estabelecido quanto de seu questionamento.



Biblioteca de Ferreira Gullar

“A POESIA ESTÁ NA JANELA”

O maranhense Ferreira Gullar é freqüentemente instigado a falar de poesia e do poeta. Seleccionamos trechos de entrevistas e declarações concedidas por ele nos últimos anos, com sua visão sobre o ofício.

“O homem não faz poesia para sair da vida, ele faz poesia para ter coragem de viver.”

“(…) a poesia está na janela, na paisagem, na música, em qualquer coisa. Poesia é um sentimento, uma emoção.

Conhece-se poesia através da música, do teatro, da pintura, do cinema. Em tudo isso há poesia. Agora, o gênero literário chamado poesia, que existe no poema, somente se expressa através do poema.”

“O poema é escrito por ser necessário.

O nascimento de um poema será sempre um acontecimento inusitado. Será sempre uma espécie de explosão que salta da boca. A poesia sempre estará presente na vida das pessoas. Porque as pessoas sentem necessidade de valorizar a própria vida.”

“O poeta vive a ‘dialética do prosaico com o poético’, explicando que o poema é o lugar onde a prosa vira poesia, porque a prosa é o nosso falar, o falar de todos nós, da boca de todos.”

“O poeta é alguém que está sempre em busca de algo que não sabe o que é, porque, para ele, ‘o poema é a invenção de alguma coisa que ainda não existe’.

Nisso, ‘não há fatalidade alguma, mas uma aventura’, explica o poeta, para quem ‘escrever poesia é inventar poesia, sempre’, como a vida que, segundo ele, também ‘é inventada’, e não, uma fatalidade.”

Ferreira Gullar é poeta e recebeu vários prêmios como Machado de Assis, maior homenagem da Academia Brasileira de Letras, Jabuti, Molière e Príncipe Claus.



Poemas de
Ferreira Gullar



Gullar e sua imagem em
miniatura

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

f. g.

ESPECIAL

Atendimento personalizado

Participantes do Programa Escrevendo o Futuro em Minas e Pernambuco ficaram agradavelmente surpresos com as análises feitas por especialistas da UFMG e UFPE sobre os textos elaborados por seus alunos.

Luiz Henrique Gurgel

Há 15 anos no magistério, trabalhando com crianças do ensino fundamental, Maria Tadeia Rafael Batista, professora na cidade de Tabira (PE), ficou surpresa quando recebeu carta do Programa Escrevendo o Futuro com a avaliação do texto escrito por seu aluno José Antônio Melo de Gois, de 12 anos.

Além de comentários, a carta continha sugestões de atividades e encaminhamentos ao trabalho que ela desenvolve com os alunos. “Já participei de muitos concursos, mas nunca tive retorno nenhum, foi a primeira vez”, disse Maria. A surpresa da professora tem se repetido em várias cidades de Minas Gerais e Pernambuco. Um projeto piloto criado pelo Programa Escrevendo o Futuro, com especialistas das Universidades Federais de Minas Gerais e de Pernambuco, está possibilitando a quase 1.300 professores dos dois estados receberem avaliações pessoais sobre o trabalho com textos desenvolvidos com seus alunos.

Poucas vezes especialistas e pesquisadores da área de Educação puderam estabelecer um intercâmbio tão direto com professores do ensino básico na área de leitura e escrita.

Estratégia inédita

Em Minas o trabalho é coordenado pela professora doutora Maria da Graça da Costa Val, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da UFMG. Em Pernambuco, pela professora doutora Elizabeth Marcuschi, coordenadora do Núcleo de Avaliação e Pesquisa Educacional da UFPE. As equipes das duas pesquisadoras receberam textos dos alunos semifinalistas de 2004 em seus respectivos estados e fizeram as avaliações.

Segundo Maria da Graça, “a análise dos textos dos alunos é detalhada”. A preocupação é qualitativa, “pensamos no retorno que podemos dar ao professor, abordando vários aspectos



Arquivo pessoal

Equipe da professora Maria da Graça da Costa Val reunida para análise dos textos de Minas.

do texto, algo que pudesse contribuir com a prática dele”. Em Minas Gerais são quase mil professores que receberão a correspondência. Cada membro da equipe de Maria da Graça escreveu 100 cartas. “À medida que esse professor comenta com o colega o retorno que teve, passa informações e isso multiplica”, ela explica.

Marcuschi chama a atenção para a novidade do projeto: “É uma estratégia inédita, desconheço propostas de formação em que se dê um retorno individual ao professor. No caso desse trabalho, dentro do Escrevendo o Futuro, é um retorno à pessoa do professor”. Ela ressalta a valorização do trabalho do educador e do aluno também, já que é importante mostrar que o texto do aluno teve leitores. “Na rotina escolar, em geral, fica uma incógnita para o aluno: ‘para quem eu estou escrevendo?’. Nesse retorno, a professora vê que aquele texto teve leitor e, além de darmos indicações de uma prática pedagógica, de como superar as dificuldades identificadas no texto do aluno, estabelecemos um diálogo, pois se a escrita não tiver interlocutores, não faz sentido.”

E foi isso que chamou a atenção da professora Maria José de Oliveira Camilo, da E. M. Prof. Dalmir Santos Maia, em Ouro Preto (MG).



Professora Elizabeth Marcuschi

Segundo ela, “é gratificante para o aluno saber que o trabalho dele foi visto”. Já Leci Maria de Souza, professora na Escola Imaculada Conceição, em Arcoverde (PE), afirma que esse tipo de comunicação desfaz a sensação de isolamento: “A gente trabalha no coletivo e logo que recebi a carta fui conversar com outra professora para planejar o próximo ano”. Lucia Maria Martins, professora em Recife (PE), diz que ficou “orgulhosa com a carta e o reconhecimento, já que eu tive pouco tempo para trabalhar”.

“É uma estratégia inédita, desconheço propostas de formação em que se dê um retorno individual ao professor.”

Fonte de pesquisa

As pesquisadoras também destacam o fato de os textos dos alunos serem uma importante fonte de pesquisa para quem lida com o ensino da escrita e a formação de professores. “É uma fonte de dados fantástica. Os textos dos alunos nos ajudam a entender quais são e como são trabalhados os gêneros, quais são as dificuldades. Por eles você chega à prática do professor”, afirma Marcuschi. A equipe do Ceale, em Minas, já estuda possibilidades de pesquisa proporcionadas pelos textos dos estudantes. “Essa discussão sobre gêneros discursivos é uma discussão acadêmica muito atual e que não acontece só no Brasil”, explicou Maria da Graça. Ela também destaca a importância disso para a formação: “A ideia é sempre valorizar o professor, dizer o quanto é importante ele participar, pois esse programa ultrapassa a dimensão de um concurso, para intervir na formação do professor. Foi isso que me fez abraçá-lo”.

O retorno ao professor

As cartas enviadas aos professores que participaram do Programa Escrevendo o Futuro contêm comentários citando os próprios textos dos alunos. Veja abaixo trecho da que foi enviada à professora Maria Tadéia Rafael Batista, de Tabira (PE), com a análise do poema criado por seu aluno José Antônio.

(...)“O resultado da análise que fizemos do poema ‘Tabira’ revela que José Antônio compreende bem alguns aspectos do universo poético, em especial aspectos relativos à forma de apresentação desse gênero textual, já que atribuiu um título ao poema, organizou-o em versos, divididos em estrofes, e utilizou bem o recurso da rima.

Além disso, atendeu à proposta, produzindo o texto sobre o lugar em que vive.

Outro aspecto positivo da produção textual de José Antônio é o uso apropriado da comparação, que o jovem poeta conseguiu associar ao recurso da rima.

Um bom exemplo está na primeira estrofe:

Tabira minha cidade
Que eu amo de coração
Moro aqui desde novinho
Mas hoje sou grandão
Todo ano eu cresço um pouco
Tabira cresce de montão

(...) A última estrofe de um poema deve indicar que mais nada se tem a dizer sobre o assunto abordado. Para isso, é importante que não se acrescentem ideias inteiramente novas na conclusão.

Observe a última estrofe do poema de José Antônio. As informações inteiramente novas criam um expectativa de que ‘falta alguma coisa’ para o encerramento do texto:

Tem igreja matriz
Tem escola em todo lado
Tem clínica, tem hospital
Tem um comércio equipado
Tem grande feira de fruta
A maior feira de gado

Você pode sugerir a seu aluno que ele retome os dois primeiros versos da primeira estrofe e crie mais um ou dois versos, reforçando a declaração de amor pela cidade em que vive. Assim, ele aproveita e amplia o poema, que tem apenas três estrofes.”(...)



ONDE ESTÁ O FUTURO

Crianças contam e

*Mapa na mão
olho no mapa
mão no olho
vamos tentar encontrar a cidade*
(Nicolas Behr, *Veia Poética*)

Olhando em volta, as crianças descobriram que tudo pode ser motivo de poesia: a história da cidade, a instabilidade do clima, a vegetação, o sabor das frutas, as peculiaridades da paisagem do lugar onde vivem.

Lendo, recitando e convivendo com textos poéticos, os alunos aprenderam a brincar com as palavras e com o ritmo; experimentar arranjos com rima e sem rima; reinventar versos, combinar a melodia das palavras sem perder de vista a construção do sentido em seus poemas. A inspiração e o exemplo vieram de uma quadrinha conhecida, do poema de um autor famoso, de uma letra de moda de viola ou de um rap. E, assim, deram conta de retratar de forma poética cada canto do Brasil.



Chão de terra, berço meu

*"Açaí, charque, feijão
Menino de pé no chão
Mãe gritando no portão:
Moleque, sossega e pára,
tome seu banho já
Pra igreja é hora de ir
O culto já vai começar
Antes da chuva das quatro cair."*

Aritha do Socorro Souza, 12 anos
– Benevides – PA



Manaus cabocla

*"Cupuaçu, buriti e açaí
Não são frutas conhecidas
Mas delas se faz bebidas
Que marcam quem vem aqui
Amo nossas frutas
Com elas também se faz licor
Algumas parecem feias,
Outras têm forte sabor."*

Brenda Kerolem da Silva e Silva,
11 anos – Manaus – AM

Mãos à obra!



Você costuma ler poemas para sua turma?
Seus alunos gostam de poesia? Sabem
algum poema de memória?

O que fazer para enriquecer o repertório
poético das crianças?

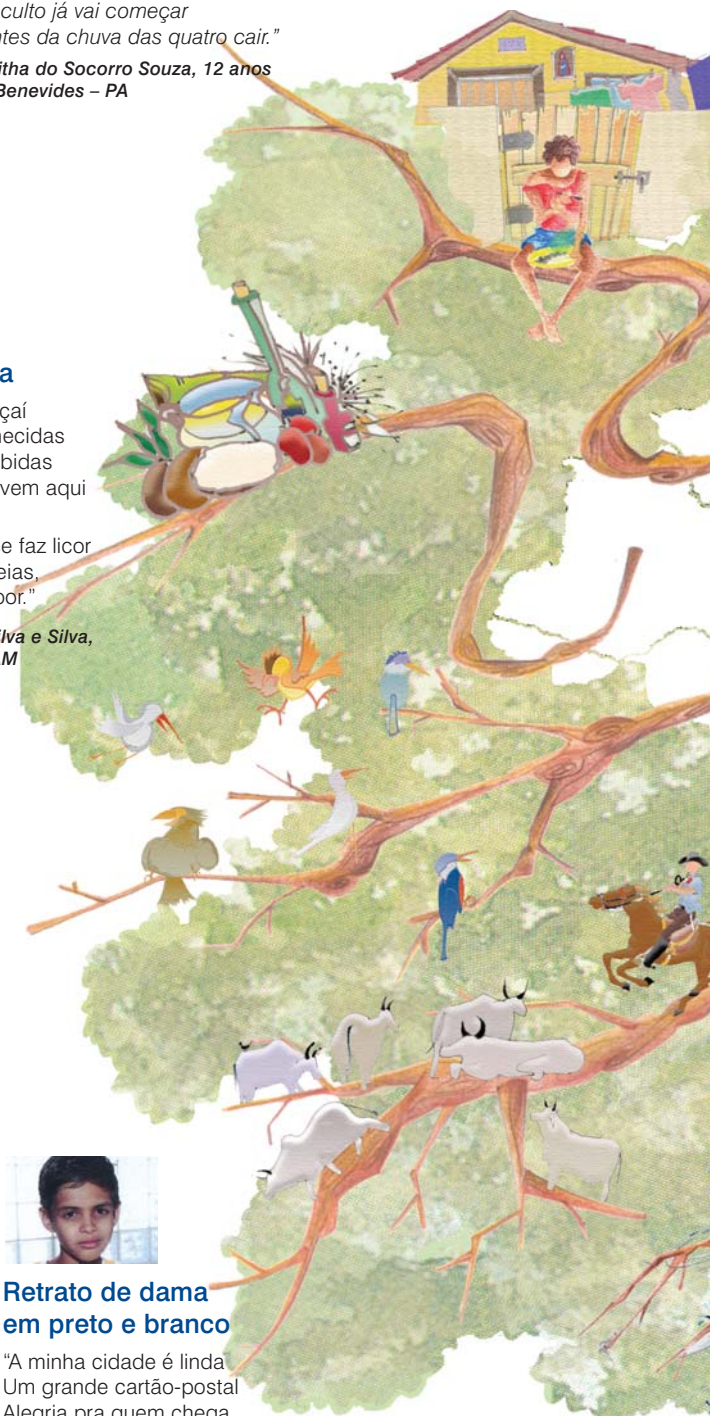
Sabemos que o poema quando nasce vem
carregado por todos os poemas lidos, ouvidos,
recitados.

Por isso, convidamos você a ler as sugestões
de oficinas e os textos indicados no fascículo
Poetas da Escola, do Kit Itaiú Criação de
Texto – 2004, que pode contribuir no seu
trabalho.

Deixe os poemas invadirem sua sala de aula!

*"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades."*

Luís de Camões



Retrato de dama em preto e branco

*"A minha cidade é linda
Um grande cartão-postal
Alegria pra quem chega
No portal do pantanal
O forte aqui é o gado
Orgulho pras regiões
Abastece o Brasil inteiro
E também outras nações."*

Tiago Osvane Nascimento Santana,
10 anos – Três Lagoas – MS



cantam o Brasil em versos



Que lugar é esse?

"O clima é semi-árido
E demora de chover.
Quando a seca é retada,
É coisa de entristecer.
No polígono da seca,
Muitos bichos vão morrer."

**Bruna Moura Oliveira, 10 anos –
Teofilândia – BA**



Meu lugar para além das palmeiras

"Minha terra tem traíra
E também a curimatã
Tem pé de laranja
E também a jaçanã
Minha terra tem jurema
E também a faveleira
Tem o pé de xique-xique
E também a catingueira."

**Railton Xavier de França,
13 anos – Jucurutu – RN**



Canto aos meus lugares

"Em Minas Gerais, meu estado,
Cidades históricas é o que há,
como São João Del Rey,
Ouro Preto e também Sabará.

Da culinária mineira
não posso me esquecer.
Vou falar do pão de queijo, uai!
Que gostoso de comer."

**Bruna Dias do Carmo Costa,
10 anos – Belo Horizonte – MG**



Entre lagoas e florestas

"Linhares, minha cidade
Paraíso sem igual.

Tem a lagoa Juparanã
Verdadeiro cartão-postal

Tem ainda maravilhosas
Reservas florestais.
Vale do rio doce, goitacazes,
Verdadeiros paraísos de
plantas e animais."

**Lucas Augusto Buzato,
10 anos – Linhares – ES**

Princesa da serra

"Minha cidade é tão bela
A princesa da serra
Onde o vento canta nos campos
Beijando a Terra

Em 1766 Lajes era povoado
Bugres, Bandeirantes e Tropeiros
Chegaram aqui primeiro
Ficaram pela terra encantados."

Scheila D. A. Ramos, 11 anos – Lages – SC



Vida rurbana

"O clima é variado,
às vezes amanhece quente,
outras vezes está nublado.
Sem falar na geada constante,
é um frio cortante.
Quando chove muito,
a preocupação não tem fim.
Pois acontecem enchentes,
algo muito ruim."

**Ewerton Luiz Silva dos Reis, 10 anos
– Campina Grande do Sul – PR**

DE OLHO
NA PRÁTICA

Com quantos textos

Acompanhe passo a passo

Da primeira produção até chegar ao texto final, há muito o que fazer. Como o professor pode ajudar seu aluno a voltar ao texto, dialogar com ele e encontrar novas possibilidades para melhorar aspectos de sua produção? Nesse momento, são muitos os questionamentos:

Da prosa nasce a poesia...

Como tudo começou...

12

O tema “O lugar onde vivo” mobiliza o aluno a escrever. Em prosa, ele retrata as agruras de sua vida itinerante.

O LUGAR ONDE VIVO

Hoje eu moro ali na Rua Rio Negro, na Vila Regina. Moro lá há quase três meses. É muito tempo para quem vive mudando!

Isso porque eu e minha família não paramos muito tempo em nenhum lugar. Já perdi a conta das vezes que mudei.

Na minha casa, eu moro com minha família, e a principal estrela é a minha mãezinha: não tenho pai. E é ela quem sustenta a casa.

São menos de duzentos reais para pagar todas as despesas.

Se a minha estrela lá de casa não brilhar, eu e meus irmãos passamos fome.

Apesar das dificuldades, agradeço a Deus pela minha estrela. Amo muito meus irmãos e espero ter boa chance na vida.



No título o autor expressa seu desejo: a reivindicação por igualdade.

EU QUERIA SER IGUAL

Sou um menino inquieto e preocupado, sou pequeno e sinto falta do meu pai, do lado.

Ganhei o nome de Lalau. Eu gosto desse nome, acho que é legal. Parece nome de homem.

Imagino que Lalau é porque não paro, eu e minha mãe vivendo de bolacha de sal.

Lalau não é nome tão feio, mas morar ali e logo lá e assim que o nome veio não pude fazer nada. É coisa do destino eu creio.

Queria ser normal. Morar num bairro igual ao que todo mundo mora. Colocar roupa no varal.

Quando me perguntam do lugar onde vivo fico enrolado e indeciso.

Queria tanto mostrar o crescimento, as lembranças eu não vejo lembranças pois estou esperando, o dia que eu não vou mais precisar de estar mudando.

Eu vivo neste lugar, que é meu Paraná e sei que outros vão me esperar.

Será que é sina? não acho que seja. hoje moro em Apucarana e amanhã posso mudar para Sertaneja.

Eu quero um cantinho para que a minha família iremos juntos ficar por muitos anos ali fixar esquecendo a palavra “mudar”.

A ideia da produção inicial se mantém, assim como a voz do autor, que se identifica já na primeira estrofe.

O autor não revela em seus textos as peculiaridades do lugar onde vive, mas tem muito a dizer sobre a história dos migrantes, que não conseguem criar raízes.

Um dedo de prosa

Quando chega a hora da leitura, revisão e reescrita do poema, a atuação do professor é fundamental. Por isso, oriente sua turma a verificar se:

- ✓ o título do poema é pertinente, original, sugestivo, instigante para o leitor;
- ✓ o tamanho do verso está adequado ou compromete o ritmo da estrofe;
- ✓ as sensações, emoções e sentimentos sobre o lugar onde vive estão expressos nos versos e estrofes;
- ✓ há necessidade de acrescentar palavras, suprimir outras, para garantir a regularidade do ritmo, a unidade melódica e a qualidade do verso;
- ✓ na exploração do tema proposto, “O lugar onde vivo”, percebe-se que ressaltam um aspecto interessante do lugar, uma paisagem bonita, um jeito de ser do povo, um acontecimento curioso...;
- ✓ há no poema características, marcas peculiares, que revelam a identidade do lugar onde o aluno mora;
- ✓ o poema contém recursos como: quadra, aliteração, comparação, lirismo.

se faz um texto de qualidade?

a construção do poema “Igual a todo mundo”

o que é preciso acrescentar, retirar, reorganizar e reescrever? Para ajudá-lo a encontrar boas saídas no trabalho de aprimoramento dos textos, selecionamos algumas das muitas escritas do aluno Fernando Henrique de Lima, finalista em 2004, para leitura e análise.

Finalizando a conversa

Novos arranjos e novos sentidos

IGUAL A TODO MUNDO

Sou um menino
inquieto e preocupado
já desde pequeno,
sei o que é sentir falta
de um pai do meu lado.

Ganhei o apelido de Lalau
até gosto desse nome.
acho que é muito legal,
parece mesmo nome de homem.

Imagino que Lalau
é porque não tenho paradeiro,
eu e minha pobre mãezinha,
igual a muitos brasileiros,
vivendo de bolacha, água e sal.

Lalau não é nome tão feio,
Mas morar ali e logo lá,
Ali, lá, ali, lá, lá, lá...
É assim que esse nome veio.
Nunca pude fazer nada,
É coisa do destino, eu creio.

Queria ser normal.
Morar num bairro igual
Ao que todo mundo mora.
Estender roupa no varal.

Quando me perguntam
do lugar onde vivo,
fico todo enrolado
muitas vezes indeciso.

Queria tanto retratar
o crescimento, as mudanças.
Não consigo ter lembranças,
Pois vivo a esperar
O dia em que não vou
Mais precisar mudar.

O lugar onde vivo
É esse Paraná.
Conheço muitos lugares
E sei que outros
Estão a me esperar.

Será que isso é sina?
Não acredito que seja.
Hoje estou em Apucarana,
mas e amanhã?
Posso estar em Sertaneja!

Eu queria um cantinho
onde eu e minha família
poderíamos juntos morar.
Por muitos e muitos anos
ali ficar, esquecendo para sempre
A palavra “mudar”.

O título mais incisivo instiga o leitor para a leitura.

Com a substituição de algumas palavras o poema ganha mais ritmo e fortalece o sentido do texto.



O uso apropriado do recurso da rima sensibiliza o leitor pelo lamento velado, que perpassa a musicalidade dos versos.

O ajuste da pontuação imprime maior expressividade ao poema.



IGUAL A TODO MUNDO

Sou um menino
Inquieto e preocupado.
Já desde pequeno,
Sei o que é sentir falta
De um pai do meu lado.

Ganhei o apelido de Lalau
Até que gosto desse nome.
Acho que é muito legal,
é mesmo nome de homem.

Imagino que Lalau
é porque não tenho paradeiro,
eu e minha pobre mãezinha,
igual a muitos brasileiros,
vivendo de bolacha água e sal.

Lalau não é um nome tão feio.
Mas morar ali e logo lá,
ali, lá, ali, lá, lá...
É assim que esse nome veio.
Nunca pude fazer nada,
é coisa do destino, eu creio.

Queria tanto ser normal,
morar num bairro igual
ao que todo mundo mora.
Estender roupa no varal.

Quando me perguntam
do lugar onde vivo,
fico todo enrolado,
muitas vezes, indeciso.

Queria tanto retratar
o crescimento, as mudanças.
Não consigo ter lembranças,
pois vivo a esperar
o dia em que não vou
mais precisar mudar.

O lugar onde eu vivo
é esse Paraná.
Conheço muitos lugares
e sei que outros
estão a me esperar.

Será que isso é sina?
Não acredito que seja.
Hoje estou em Apucarana.
Mas e amanhã?
Posso estar em Sertaneja!

Eu queria um cantinho
onde eu e minha família
pudéssemos juntos morar.
Por muitos e muitos anos
deixando para trás
a tristeza de “mudar”.

Aluno: Fernando Henrique de Lima,
12 anos, 4ª série, Apucarana – PR



REPORTAGEM

Poesia esparramada

Com experiências e resultados surpreendentes, poemas escritos por alunos para o Programa Escrevendo o Futuro extrapolaram os muros da escola. Levaram crianças a outros lugares e foram ouvidos e lidos pela comunidade em saraus, livros e rádios comunitárias.

Luiz Henrique Gurgel

Poesia foi o gênero de texto com o maior número de inscrições no *Programa Escrevendo o Futuro* em 2004. Foram 3.773 poemas, escritos por estudantes de quarta e quinta séries em escolas públicas do Brasil. Os próprios alunos, com a orientação dos professores participantes, escolhiam o gênero a ser trabalhado.

As oficinas realizadas renderam frutos, ampliaram os horizontes, os leitores e os ouvintes dos pequenos autores. Escolas organizaram saraus e editaram coletâneas com os poemas dos alunos; um poema virou *rap*, chamando a atenção de um DJ famoso; houve aluna que gostou tanto da experiência de escrever que, participando de outro concurso, foi premiada e vai conhecer a Dinamarca.

Da poesia ao conto, de Minas à Dinamarca



Arquivo pessoal

Bruna Dias do Carmo Costa, semifinalista em 2004

Em Belo Horizonte, Bruna Dias do Carmo Costa, de 11 anos, estuda numa escola com nome de poeta: Vinícius de Moraes. Foi lá que começou sua participação no *Programa Escrevendo o Futuro*. Orientada por sua professora Juliana Bittencourt Andrade, a garota trabalhou com o gênero poesia dentro das oficinas de criação de texto e escreveu “Canto aos meus lugares”, poema em que fala das cidades e dos horizontes das Minas Gerais. Foi semifinalista do estado.

Bruna conta que aprendeu a trabalhar com mais liberdade e “a colocar as coisas de uma forma poética”. O aprendizado a entusiasmou e ela continua a escrever: “Escrevo histórias e poemas para mim mesma”. E foi assim que Bruna ganhou,

em agosto deste ano, o concurso UPF-Hans Christian Andersen, promovido pela Universidade de Passo Fundo (RS) e pela Embaixada da Dinamarca. Ela escreveu o conto *A bailarina encantada*, baseando-se em *A pequena sereia* e *A pequena vendedora de fósforos*, histórias infantis do célebre escritor dinamarquês. Como prêmio, Bruna e sua professora Juliana viajam na primeira semana de outubro para a Dinamarca, onde irão conhecer as cidades de Copenhague, capital do país, e Odense, cidade natal de Andersen.

Para a professora Juliana, que também faz uso da poesia em outras disciplinas, “as oficinas do programa ajudaram demais, as crianças aprendem a dar musicalidade ao texto sem precisar estar rimando sempre”. Este ano, lecionando História e falando da escravidão para alunos da quinta série, trabalhou com o livro *A cor da pele*, do poeta mineiro Adão Ventura. Juliana também utiliza poemas de Elias José, Sérgio Caparelli e Ana Maria Machado.

Ritmo e poesia

Também inspirado no lugar onde vive, o carioca Bruno Márcio Moura, de 11 anos, escreveu o poema “Paz no meu lugar”. A realidade nem sempre agradável dos bairros pobres do Rio de Janeiro e a esperança de novos e bons tempos para a cidade foram temas de Bruno. Depois que a sua classe resolveu participar do programa no gênero poesia, Bruno levou livros para casa e começou a ler, escrever e buscar rimas. “Fiz um caderno só de rimas”, conta. O garoto foi semifinalista e participou, com outros estudantes, de oficinas realizadas num hotel do Rio de Janeiro.



Arquivo pessoal

Bruno Márcio Moura, semifinalista em 2004



Crianças de Caicó (RN) lêem seus poemas.

Foi lá que descobriu o ritmo que havia em seu poema. “Surgiu do nada, sem eu esperar. Com dois colegas que eu conheci na oficina, comecei a cantar o poema. Nem imaginava que podia virar letra de rap”, explica. Na premiação regional, Bruno cantou seu rap acompanhado pelo grupo Meninas do Conto – “todo mundo cantou, foi mágico”.

Jorge dos Santos, pai de Bruno, entusiasmado com a criação, levou o garoto para gravar um CD “caseiro” e divulgar o rap em rádios comunitárias dos bairros do Realengo e de Bangu. “Vários DJs e MCs começaram a convidar o Bruno para cantar em festas e encontros na rua”, conta Jorge. Mas foi o grupo Malha Funk que resolveu ir além. Convidaram Bruno para editar e gravar sua música no Lynk Estúdio, do DJ Marlboro. Agora, enquanto aguarda a produção do CD, Bruno continua a escrever: “Estou fazendo mais músicas e a experiência está sendo muito legal”.

Livros e saraus

Em outros pontos do Brasil, professores e escolas organizaram e editaram livretos reunindo os poemas produzidos pelos alunos para o *Escrevendo o Futuro*. Em São José dos Pinhais, cidade próxima a Curitiba (PR), a professora Emília de Carvalho Rocha lançou “Vamos brincar de poesia?”. A sugestão foi da orientadora da escola e Emília foi pedir ajuda na própria comunidade para a impressão da coletânea. “Fiquei surpresa com a reação das pessoas que leram os poemas. Um professor de Literatura aposentado me enviou até uma análise do livro”, conta a professora que há 23 anos trabalha na escola, no bairro rural da Contenda. O lançamento teve festa com sarau para os pais e a comunidade. “Foi importante, as crianças sentiram que o trabalho

delas foi valorizado”, explica Emília, que aprecia a poesia de José Paulo Paes e de Almir Correia. Ela também destaca os frutos do trabalho: “Agora, os alunos ficam me pedindo mais poesias para eu levar para eles”.

Aprendendo junto

Na cidade de Caicó (RN), a professora Maria da Conceição Saraiva de Andrade lançou mão

de uma idéia original para trabalhar a poesia com seus alunos. Além de realizar as oficinas propostas pelo programa, em toda festividade da escola ela organizou saraus, convidando poetas da cidade e contadores de histórias. Nos encontros com as crianças, os autores eram entrevistados, falavam e liam seus poemas, contavam histórias. O projeto de Conceição foi adiante e a direção da escola resolveu lançar o livreto “Portas abertas para a poesia” com os poemas dos alunos e ilustrado por eles mesmos. “Fizemos um sarau à noite com os pais, direção, supervisão, onde os alunos foram apresentados e declamaram seus poemas”, conta a professora.

Conceição explica que aprendeu ainda mais com o trabalho: “As oficinas requerem muita leitura, planejamento, debate e pesquisa, mas compensam, porque aprendem juntos, educador e educando”.



Alunos de diversos cantos do país publicam suas poesias.

TIRANDO DE LETRA

Oficinas de poesia

Professora cearense conta a experiência de como sensibilizou seus alunos com versos. Registrou o trabalho etapa por etapa, revelando as dificuldades, os acertos e o desempenho da turma, revendo e refletindo sobre a prática em sala de aula.

Lúcia Maria S. Ribeiro*

Cidadezinha

Mário Quintana
Cidadezinha
cheia de graça...
Tão pequenina
que até causa dó!

1ª oficina

RECONHECENDO POESIA

"Vocês conhecem poesia? Gostam de poesia?"
Dividi os alunos em equipes e pedi que escrevessem poemas para afixar no mural.
Depois propus que cada um escrevesse um poema com o tema "O lugar onde vivo".
Expliquei que as produções seriam guardadas para as compararmos com os textos finais.
Não foi fácil: apareceram narrações, trava-línguas e quadras que sabiam de memória; outros fugiram do tema.

2ª oficina

SABENDO MAIS SOBRE POESIA

Provoquei conversa sobre poemas. Os alunos disseram que um texto poético é mais bonito e desperta mais emoção que notícia de jornal, receita ou conto. Também observaram a estrutura e o jogo de palavras presentes nos poemas.
Registrei as idéias em uma folha e deixei exposta na sala. Os alunos começaram a identificar as peculiaridades dos poemas.

Milagre no Corcovado

(...) Para a cidade
De ponta a ponta maravilhosa
A gente sente um arrepio:
O milagre é o próprio Rio!

9ª oficina

VENDO O MUNDO DE UM MODO POÉTICO

Iniciei a aula lendo o poema *O leão*, de Vinícius de Moraes.
"Por que o poeta compara o rugido do leão a um trovão?"
Responderam que o rugido do leão é tão sonoro quanto um trovão. Fiz outras perguntas e em seguida pedi que procurassem no mural poemas que apresentassem metáforas.
Encerrei lendo o poema *Milagre no Corcovado*, de Ângela Leite de Sousa.

8ª oficina

IDENTIFICANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Recitei o poema com emoção, pois queria envolver os alunos. "O que vocês sentiram ao ouvir o poema?"
Solicitei que representassem seus sentimentos em uma folha. Deixei-os à vontade; saíram trabalhos belíssimos. Criamos versos e pus na lousa, esclarecendo o que era um poema lírico.

Patativa do Assaré

(1909-2002)
Um dos maiores poetas populares do Brasil, retratista da caatinga nordestina cuja obra foi registrada em folhetos de cordel.

7ª oficina

POESIA POPULAR

"Vocês conhecem poesia popular, de cordel?"
Como poucos conheciam, solicitei que fizessem uma pesquisa sobre esse estilo. Descobriram que a poesia de cordel é comum no Nordeste. Declamei um trecho do poema *Emigração* e as consequências de Patativa do Assaré e falei sobre o escritor.

10ª oficina

DIFERENTES OLHARES SOBRE O MESMO TEMA

Pedi aos alunos que falassem sobre sua infância. Dividi a turma em grupos e dei os poemas *Doze anos*, *Infância* e *Colégio* para leitura. Conversamos sobre o tema e os grupos dramatizaram os poemas. Transcrevi os textos, fizemos uma análise dos recursos poéticos presentes e identificamos as comparações existentes em cada um deles.
Em seguida disse: "Pensem em coisas que gostam e coisas que não gostam do lugar onde vivem. Façam comparações e registrem no caderno".

11ª oficina

TECENDO POEMAS

Para o texto final, retomamos o trabalho das oficinas e os poemas publicados no mural. Conversamos muito sobre o tema "o lugar onde vivo" e sobre as peculiaridades de nossa cidade. Lembrei que eles deveriam tomar algumas decisões ao escreverem o poema: título sugestivo, organização dos versos e estrofes, rimas, repetições de palavras, ritmo da linguagem, metáforas etc.

3ª oficina CATADORES DE POEMAS

Li *O catador de pensamentos* (Mônica Feth), com uma entonação caprichada para despertar a emoção dos alunos. Aproveitando o entusiasmo, propus: "Vamos ser catadores de poemas?". Todos ajudaram: familiares, moradores e poetas da nossa cidade.

(...)
Pensamentos de todos os tipos: alegres, tristes, inteligentes, bobos, bonitos (...)

4ª oficina OUVINDO E LENDO POESIA

Essa oficina foi espetacular, afinal os alunos gostam de uma aula diferente: organizei um sarau com os poemas colhidos pela turma e outros que selecionei. Fizemos um varal poético. Os alunos escolheram poemas no varal e leram para os colegas. Coloquei música instrumental para tornar o ambiente mais aconchegante.

Quixeré, que faço agora?

Quixeré, que faço agora?

Tu és tão pequenina

Como te defenderei

Dessa gente, ó menina?

Todos querem se apossar

De tua serra que é linda.

A chapada do Apodi

Entre todas a mais bela

Terra rica e frutífera

Todos olham para ela

Suspirando e desejando

Ah! Se eu fosse o dono dela!

Muita gente de fora

Aqui já se instalou

E com suas grandes firmas

O povo escravizou

Hoje quem era patrão

chamam-no de senhor.

Sei que muitos benefícios

Essas firmas nos trouxeram

Mas a exploração

É demais e sou sincero

Prefiro ver Quixeré

Virar um cemitério.

Não é com egoísmo

Que falo desses abusos

É porque a escravidão

Já passou, e é absurdo

Ver meu povo escravizado

Como se fosse surdo-mudo

Antes, nossa cidadezinha

Era uma tribo bem singela

Mas os índios que a habitavam

Tinham carinho por ela

Lutavam com entusiasmo

Ninguém se apossava dela

Hoje o nosso povo

Não a defende com ardor

É triste ver o estrangeiro

Ser chamado de senhor

E também ver nossas riquezas

Serem levadas sem pudor.

Quixeré, que faço agora?

O meu grito eu já dei

Porém ele é bem pequeno

E na verdade eu não sei

Se ele vai ecoar

Ou vai se calar de vez.

Maria Eliane Mercês da Silva,
12 anos – 5ª série
semifinalista, em 2004

6ª oficina BRINCANDO COM RIMAS, REPETIÇÕES E ALITERAÇÕES

"Vocês sabem o que é acróstico?" A maioria disse que não. Fiz um acróstico com meu nome para explicar. Depois pedi que cada aluno fizesse um com o próprio nome. Também ensinei o que é aliteração, usando uma estrofe do poema *Bolha* de Cecília Meireles.

Acróstico: poesia em que as letras de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou um conceito, máxima etc.

5ª oficina BRINCANDO COM EMOÇÕES E PALAVRAS

Iniciei a oficina com a pergunta: "O que é uma coisinha à-toa que deixa vocês felizes?". Afixei as respostas no mural. Em seguida li o texto: *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz* (Otávio Roth). Conversamos sobre as idéias do autor e as rimas que criou. Desafiei a turma: vamos escrever o nosso "Duas dúzias de coisinhas-à-toa que deixam a gente feliz"?

"Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela."
(Otávio Roth)

12ª oficina TOQUE FINAL

Fim do trabalho; hora de rever os textos e fazer a autocorreção. Coloquei no quadro itens que auxiliariam na revisão. Foram feitas modificações. Pedi que passassem o texto a limpo. Escolhemos três finalistas e os enviamos para a comissão escolher o melhor. Foi um trabalho árduo, mas alcançamos o objetivo proposto.

* Professora na EEIEF Vereador
Raimundo Nonato de Sena,
Quixeré – CE.

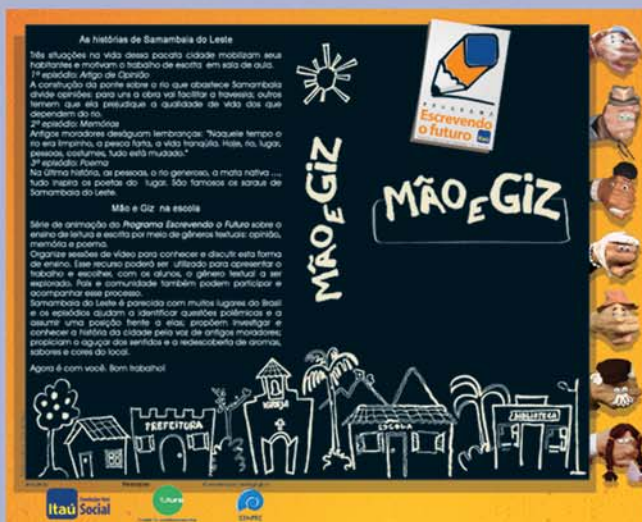
O QUE VEM POR AÍ



Pra valer

A comunidade na internet do *Escrevendo o Futuro* www.escrevendoofuturo.org.br está no ar desde setembro e é ponto de encontro de professores. Além de notícias relativas ao programa, entrevistas, informações sobre cursos e eventos, e dicas de links interessantes, a comunidade possibilita que professores de todo o Brasil possam conversar, trocar idéias e experiências em tempo real. Basta acessar a página e se cadastrar.

Mão e Giz



O Escrevendo o Futuro, em parceria com o canal Futura, produziu o programa *Mão e Giz* - uma série de animação sobre o ensino de leitura e escrita por meio de gêneros textuais. São três episódios que abordam o trabalho com Texto de Opinião, Memórias, Poema. As escolas inscritas no Prêmio em 2006 receberão o vídeo pelo correio. Fiquem atentos!

Prêmio Escrevendo o Futuro

No dia 13 de março aconteceu, em São Paulo, o lançamento nacional da 3ª edição do Prêmio Escrevendo o Futuro. Confira abaixo, as datas dos lançamentos nos pólos regionais.

Belém: 17 de março
Belo Horizonte: 21 de março
Fortaleza: 24 de março
Goiânia: 31 de março
Rio de Janeiro: 3 de abril
Curitiba: 6 de abril

Inscrições à vista

Professor, participe do Prêmio! As inscrições podem ser feitas pela internet através do site da Fundação Itaú Social (www.fundacaoitausocial.org.br), do Cenpec (www.cenpec.org.br) ou do Programa Escrevendo o Futuro (www.escrevendoofuturo.org.br). As fichas de inscrição também estão disponíveis em todas as agências do Banco Itaú. Estamos enviando junto com este número do *Na ponta do lápis*, uma ficha para facilitar a inscrição de nossos leitores.

No fio da meada



O cordel teve influência dos povos espanhóis, franceses e principalmente, os portugueses que se fixaram na região nordeste na época da colonização. Na Espanha, França e em Portugal o cordel é escrito em prosa, no Brasil a característica marcante é do cordel em verso, no estilo dos repentistas. Em cada folheto, o poeta popular, numa rica variação de versos, conta fatos do cotidiano, gracejos, desafios, romance, história de encantamento, de valentia e de personalidades importantes da cultura popular.



A seca do Ceará

Leandro Gomes Barros

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação

Texto Vencedor



Euler Júnior Machado,
10 anos, 4ª série, E. M. José
Henrique Avelar (Santo Antônio
do Amparo – MG)

Christina Rufato

Conheça um pouco mais o menino poeta

Minha casa

A minha casa não é um luxo, mas carinho tem muito. Lá moram, quatro pessoas: eu, meu pai, minha irmã. Não tenho bichos, mas um dia terei e darei muito amor a eles.

Meus amigos

São muito legais. É com eles que compartilho os meus segredos, vitórias e derrotas. E para mim, com eles a vida é uma festa.

Um sonho que tenho

O meu sonho é muito grande. Às vezes penso que não vou conseguir. Sei que tenho que estudar muito para ocupar uma cadeira na Academia de Letras e ser grande poeta, o melhor do mundo.

Escrevendo o futuro

Quero que no futuro a guerra se acabe, a seca no sertão, a fome e a pobreza do mundo. Que o mundo viva uma grande e profunda paz, amor e que todo mundo viva sem mortes e sangue derramado.



PROGRAMA
**Escrevendo
o futuro** Itaú
Uma iniciativa da Fundação Itaú Social

Minha terra, minha gente

Na noite dorme a cidade;
no alto chia o vento,
acordadas, só ficam as estrelas
o frio para o pobre é o lamento

Manhã vem chegando,
riscos de trovão
A mãe prepara a marmitta
enquanto chega caminhão

Se cai chuva, não tem trabalho;
o chão molhado
desfaz a marmitta
é hora de ajeitar o telhado.

Se não fosse pelo dinheiro
a alegria seria completa;
a família reunida;
Só com pão se faz a festa.

Quando vem a estiagem
estende-se o agasalho;
é hora de secar a roupa
pra mais um dia de trabalho.

A bênção é sagrada
Pra quem sobe no trator,
As mãos ficam de farpas;
O corpo sente a fadiga e a dor.

Durante a colheita
Cantos de alegria,
devotos ensaiam o grito
para o filho de Maria.

E quando chega o Natal,
a enxada fica esquecida;
Na mão calejada do meu avô
Vai uma sanfona aquecida.

A bandeira vai na frente,
o embaixador canta o hino,
avisa de casa em casa,
o nascimento do menino.

A vida de quem mora lá em cima,
não sei se é diferente,
sei que sou muito feliz
em viver com minha gente.



COISAS DE ALMANAQUE

O que você sabe da arte de compor ou escrever versos?

1- Quem é o autor dos seguintes versos?

“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento”

- a) Camões
- b) Paulo Leminski
- c) Gonçalves Dias
- d) Vinícius de Moraes

2 - Dos versos relacionados abaixo, qual é de autoria de José Paulo Paes?

a) Um passarinho me contou
que a ostra é muito fechada,
que a cobra é muito enrolada,
que a arara é uma cabeça oca,
e que o leão-marinho e a foca...
Xô, passarinho! Chega de fofoca!

b) Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.,
Gato andando no telhado
Cheirinho de mato molhado
disco antigo sem chiado

c) (...) Lá no fundo do quintal
Tem um tacho de melado
Quem não sabe cantar verso
É melhor ficar...

d) Não basta abrir a janela
Para ver os campos e rios
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores

3 - É de Carlos Drummond de Andrade o famoso poema “José”. Qual dos trechos relacionados abaixo faz parte desse poema?

a) “Hoje é seu dia, José
de subir na construção”
c) “E agora, José?
A festa acabou”

b) “O rei da brincadeira
É, José”
d) “Olhe o que foi meu bom José
Se apaixonar pela donzela”

4 - Na letra da canção *Lua de São Jorge*, quando Caetano Veloso escreveu os versos: “*Lua de São Jorge, lua soberana, nobre porcelana, sobre a seda azul*”, ele fez uso de um recurso poético:

- a) de cordel
- b) de metáfora
- c) de trava-língua
- d) de acróstico

5 - “Toda gente homenageia Januária na janela.” Nesse verso da letra da canção *Januária*, Chico Buarque usa o recurso chamado:

- a) ritmo
- b) lirismo
- c) melodia
- d) aliteração

6 - Cora Coralina, assim como outros poetas, também se dedicou à literatura infantil. Qual dos títulos abaixo é de um livro infantil de poesia de sua autoria?

- a) *Ou isto ou aquilo*
- b) *Olha o bicho*
- c) *Os meninos verdes*
- d) *A arca de Noé*

Hai-kai

Forma de poesia japonesa surgida no século XVI e ainda hoje em voga, composta de três versos, o primeiro de cinco, o segundo de sete e o terceiro de cinco sílabas, que geralmente tem como tema a natureza ou as estações do ano.

Foi introduzido no Brasil em 1936 por Guilherme de Almeida:

Um gosto de amora
Comida com sol. A vida
Chama-se: “Agora”

Em época mais recente, Paulo Leminski explora novamente o hai-kai, adaptando-o, seguindo a tendência do poema moderno, ou seja, sem a rima.

Como fazer hai-kai de acordo com Paulo Leminski

- Você tem a fórmula do conteúdo, que é ao que os poetas contemporâneos obedecem, ao invés da contagem de sílabas.
- Escolha temas simples: natureza, estações, tempo, aves, etc.
- O primeiro verso expressa algo permanente, eterno.
- O segundo introduz uma novidade, um fenômeno.
- O terceiro e último, é a síntese.

Quantas coisas
um sonho quer dizer
e não diz?

Alice Ruiz



Como se inventaram os almanaques

Sabem que o Tempo é, desde que nasceu, um velho de barbas brancas. Entretanto, uma coisa é barba, outra é coração. As barbas podem ser velhas e os corações novos; e vice-versa: há corações velhos como barbas recentes. Não é regra, mas dá-se. Deu-se com o Tempo. Um dia o Tempo viu uma menina de quinze anos, bela como a tarde, risonha como a manhã, sossegada como a noite, um composto de graças raras e finas, e sentiu que alguma coisa lhe batia do lado esquerdo.

– Que é isso? Murmurou o velho.

Sentiu que era amor: mas olhou para o oceano, vasto espelho, e achou-se velho. Amaria aquela menina a um varão tão idoso?

– Como te chamas, linda criatura?

– Esperança é meu nome.

– Queres amar-me?

– Tu estás carregado de anos – respondeu ela –; eu estou na flor deles. O casamento é impossível. Como te chamas?

– Não te importe o meu nome; basta saber que te posso dar todas as pérolas de Golconda...

– Adeus!

– Os diamantes de Ofir...

– Adeus! adeus!

Esperança fugiu. O Tempo ficou a olhar, calado, até que a perdeu de todo. Abriu a boca para amaldiçoá-la, mas as palavras que lhe saíam eram todas de bênção.

Foi por essa ocasião que lhe acudiu a idéia do almanaque. Não se usavam almanaques. Vivia-se sem eles; negociava-se, adoecia-se, morria-se sem consultar tais livros.

– Se eu achar um modo de trazer presente aos olhos os dias e os meses, e o reproduzir todos esses anos, para que ela veja palpavelmente ir-se-lhe a mocidade...

Raciocínio de velho, mas tudo se perdoa ao amor, ainda quando ele brota de ruínas. Assim toda a Terra possui, no mesmo instante, os primeiros almanaques.

– Agora, sim! – disse Esperança pegando no folheto que achou na horta –, agora já me engano nos dias das amigas. Irei jantar ou passar a noite com elas, marcando aqui nas folhas, com sinais de cor dias escolhidos.

Ano findo, outro almanaque; assim foram eles vindo, até que esperança contou vinte e cinco anos, ou, como então se dizia, vinte e cinco almanaques. Nesse mesmo instante apareceu-lhe o Tempo.

– Aqui estou, não deixes que te chegue à velhice... Ama-me...

Esperança respondeu-lhe com duas gaifonas, e deixou-se estar solteira. Há de vir o noivo, pensou ela.

Um dia, Tempo desceu a ver a bela Esperança, achou-a anciã, mas forte, com um perpétuo sorriso nos lábios.

– Ainda assim, te amo, e te peço... – disse ele.

Esperança abanou a cabeça; mas, logo depois, estendeu-lhe a mão.

– Vá lá – disse ela –; ambos velhos, não será longo consórcio.

– Pode ser indefinido.

O velho Tempo pegou da noiva e foi com ela para um espaço azul e sem termos, onde a alma de um deu à alma de outro o beijo da eternidade. Toda a criação estremeceu deliciosamente. A verdura dos corações ficou ainda mais verde.

Esperança, daí em diante, colaborou com os almanaques, cada ano, em cada almanaque, atava Esperança uma fita verde. Então a tristeza dos almanaques era assim alegrada por ela; e nunca o Tempo dobrou uma semana que a esposa não pusesse um mistério na semana seguinte. Deste modo todas elas foram passando, vazias ou cheias, mas sempre acenando com alguma coisa que enchia a alma dos homens de paciência e de vida.

Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os edita; é toda a oficina da vida.

(Condensado e adaptado de
Almanaques dos Fluminenses.

Rio de Janeiro, H. Lombaerts & Cia., 1890,
pp.8, 12, 15, 18, 21, 24)

Dois horizontes

Dois horizontes fecham nossa vida:

Um horizonte, – a saudade

Do que não há de voltar;

Outro horizonte, – a esperança

Dos tempos que hão de chegar;

No presente, – sempre escuro, –

Vive a alma ambiciosa

Na ilusão voluptuosa

Do passado e do futuro. (...)

Machado de Assis

Prêmio Escrevendo o Futuro 2006

A
 N G
 ELA MAR
 MARIA G
 LIA IVET E JULIANA EDV
 ANA MÁRCIA SUELI DECILENE ANGEL
 A MARIA FRANCISCO CRISTIANO MARI
 A APARECIDA MARIVALDO ALINE CRISTI N A
 IRANI ANTONIA CLÉCIA MADALENA MARIA DINOR
 Á IVAIR ADILSON LOIRECI IRANEIDE ROBERTA SELMA DIL
 MARI MARLY MYRIAN MAGNO NORMELIA LORENA SYLVIA MARI
 A EDILEUSA ELIANE CECÍLIA MARIA LEONORA LEVI FRANCISCA AGUIN
 ALDO MARIA RITA GISLAINE MARIA IVANILDE MARIA ANTONIA EDSON DI
 VINA CICERA WALQUIRIA ELAINE MARIA LUISA LUCIA PATRICIA MARIA ELISABET
 E MARIA DO SOCORRO ANA CLEIDE MARIA ADRIANA JÚLIO CÉSAR ANTONIA MARIA A
 UXILIADORA SALETE CRISTIANE CONCEIÇÃO SUZANA FRANCISCA ROSANGELA LIANOR
 FRANCISCA MARY ANDREIA ERIVAN ROSELI ANGELA CELMA ANA DE FÁTIMA JEANE CRI
 STINE EULENICE CINTIA EVANIR JUCEMARA ELIS REGINA ROSA CLEIDIMAR GUILHERM
 INA CACILDA ANTONIO XIRLÊI RITA VALÉRIA NORAIDES MARIA HELENA WALKIRI
 A DENI SE TÂNIA CLARA IVANETE ROSINEIDE ELIMAR VANUSMEIRE DAN
 IELA ADEMIR AUCIELLY FRANCISLAINE MARIA VANEIDE IVAN J
 OSÉ CARLOS MORIS ALBET MARIA ELISABETE ALINE NORMA J
 UÇARA MARILDA ROSA MARIA ROSELY ROSÂNGELA S
 ILVANA EUDERA APARECIDA ENEIDA ROSA MAR
 LI ELOIZA MARIA DE LOURDES JUSIANA CREO
 NICE ANIZDETE MARIA VERONILDES ROSANA L
 UCIA NE CRISTIANE JOSELIA APARECIDA CECIL
 IA MARIA JOSÉ ELIZANGELA JULIA LUCIR
 ENE ROSA MÁRIO VERA LUCIA SILVIA G
 LAUCIA MARY CARLA ROSANA MICHELY
 MARIA ANGÉLICA MARIA DA CONCEIÇÃO
 O CRISTILENE MARGARETE MARLUCI
 A LAURA RENATA SINEIDE EUGENIA
 MARIA GORETE ADELAR MARCIA TEL
 MA VERA LUCIA MARLI NEIDE
 RITA DE CÁSSIA ZENI
 TA LISIANE SIL
 VANA CARME
 M LENICE R
 OSANA SI
 MONE SEV
 ERINA ROS
 ALÉA ZENIR
 IZANDRA AN
 A MARIA TE
 REZINHA

Queremos ver seu nome neste mapa.

Você e seus alunos podem ser os próximos vencedores
do Prêmio Escrevendo o Futuro.

As inscrições estão abertas de 14 de março a 8 de maio de 2006.
Comece agora. Espalhe a notícia. Seus alunos vão aprender muito!

Para maiores informações, visite os sites do
Cenpec (www.escrevendoafuturo.org.br) e da
Fundação Itaú Social (www.fudacaoitau.org.br) ou
ligue: 0800 – 7719310.

(*) professores finalistas em 2004

Iniciativa



Apoio

Ministério da Educação

Conselho Nacional de
Secretários de Educação

Parceria



Realização

